

CLOSE TO THE EDGE

Em 1972, recebi meu primeiro salário como estagiário de arquitetura e urbanismo da Prefeitura de São Paulo, lotado na Secretaria de Abastecimento que ficava num edifício próximo ao mosteiro de São Bento, na Rua Florêncio de Abreu. Sem pensar em ajudar nas despesas que meu pai tinha (alimentação, aluguel e faculdade) para me manter estudando, saí com o cheque para descontar no Banco Itaú-América da Avenida Higienópolis onde tinha conta e comprar duas coisas: um toca-discos Philips equipado com braço e agulha Garrard e um disco que acabava de ser lançado e estava na vitrine do Museu do Disco na Rua Dom José de Barros, no centro velho da capital dos paulistas.

Recém-lançado, “Close to the edge” do conjunto britânico Yes, formado nessa época por astros como o vocalista Jon Anderson, Rick Wakeman nos teclados, Chris Squire no baixo, Steve Howe na guitarra/teclados e Bill Brufford na bateria era uma espantosa sinfonia do rock progressivo “clássico” que lentamente ia substituindo o som de garage do rock dos anos 50 e 60. Ocupava um lado inteiro do disco e não dava para tocar no rádio com seus 18:41 minutos de duração. Mas para além da beleza da música que ouço até hoje, o que chamou minha atenção foi a belíssima capa e a logomarca do conjunto. O autor do projeto gráfico era um artista britânico chamado Roger Dean que, ao longo dos anos, foi criando capas cada vez mais impactantes, dando uma rara coerência e unidade visual aos álbuns da banda, com ilustrações psicodélicas e ricas em detalhes oníricos e fantásticos.

Não preciso dizer que fiquei fã de Roger Dean. Sua capa para a banda africana Osibisa, que trazia elefantes com asas é algo magnífico para os discos-bolachões da época. Claro, falar em capas de discos é referência apenas para minha geração, os jovens de hoje ouvem música diretamente nos streamings e nem sabem o que era o prazer de segurar a capa, ver o encarte com as letras, a ficha técnica com os músicos participantes, as do Milton Nascimento citavam até o cara que trazia o cafezinho no estúdio de gravação.

Inicialmente, Roger Dean estudou e se formou em design em Londres, projetando móveis e elementos arquitetônicos. Por conta dos pais, morou em Chipre e na China, o que o fez conhecer diversas culturas antes de retornar à Inglaterra. Quando fez sucesso com as capas, migrou para essa área onde atua até hoje como ilustrador (suas capas venderam mais de 150 milhões de unidades). Com talento e dinheiro, fez um experimento numa feira: construiu uma casa psicodélica em fibra de vidro que lembra internamente a casa-bola do arquiteto Eduardo Longo em São Paulo. Segundo ele, para mostrar que seria possível outro tipo de arquitetura além das repetidas soluções do modernismo inglês.

Recentemente, tenho acompanhado pelo Facebook seu trabalho na restauração da casa que estava abandonada e fico a pensar na quantidade de belas construções do nosso país que vão para o chão por desconhecimento das possibilidades de restauro e da qualidade das obras, às vezes muito superiores ao que se constrói no lugar. Roger Dean sabe das coisas.

Mauro Ferreira é arquiteto